

# MEDICALIZAÇÃO E DISTANCIAMENTO DA EXPERIÊNCIA APROPRIATIVA<sup>1</sup>

Crisóstomo Lima do Nascimento<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo principal propor uma reflexão sobre o fenômeno da medicalização no contemporâneo e uma possível relação deste com um processo de precarização da experiência apropriativa, conceito este proveniente do pensamento fenomenológico hermenêutico do filósofo alemão Martin Heidegger. Para tal, abordaremos aspectos historicamente constitutivos de tal fenômeno e buscaremos enunciar temas relevantes no pensamento heideggeriano como as noções de linguagem, “existência”, ser-no-mundo e cuidado. Esperamos com isso poder propor uma visada que possa anunciar possibilidades outras de compreensão e lida cotidiana com o crescente processo de medicalização, fundamentalmente no espaço psicoterápico, compreendendo este como privilegiado espaço de anúncio de possibilidades existenciais mais próprias e singulares.

**Palavras-chave:** Medicalização. Fenomenologia hermenêutica e existência.

**Abstract:** This article aims to propose a reflection on the medicalization of phenomena in contemporary and a possible relationship of this with a precariousness process of appropriative experience, a concept from the hermeneutic phenomenological thought of German philosopher Martin Heidegger. To do this, we will approach historically constitutive aspects of this phenomenon and seek to articulate relevant issues in Heideggerian thought as the notions of language, "existence," being in the world and care. We expect it to propose a target that can announce other possibilities of understanding and everyday deals with the growing process of medicalization, mainly in psychotherapy space, comprising this announcement as a privileged space of more own unique existential possibilities.

**Keywords:** Medicalization. Hermeneutic phenomenology and existence.

## 1 INTRODUÇÃO

A expressão medicalização ganha corpo na segunda metade do século passado e está inicialmente associada à progressiva cooptação dos modos de ser pela medicina. Tal fenômeno tem sido de grande preocupação por parte de estudiosos do campo das ciências humanas, fundamentalmente, alavancando estudos críticos que problematizam os seus desdobramentos deste processo para a vida humana em seu cotidiano. Neste sentido, o termo deixa de ser puramente

---

<sup>1</sup>Conferência apresentada no V Encontro Ludovicense de Fenomenologia, Psicologia Fenomenológica e Filosofias da Existência no período de 27 a 29 de abril de 2015 no Centro de Ciências Humanas da Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

<sup>2</sup>Professor do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense – Pólo de Campos dos Goytacazes; Coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisas em Psicologia Fenomenológico-Existencial (GEPPFE); Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Fenomenologia e Psicologia Fenomenológica.

descritivo deste fenômeno, para indicar algo que “se tornou médico”, para se imprender uma crítica negativa ao excesso de medicalização, processo este visto como equivalente a uma crescente influência da medicina em campos que originariamente ela não atuava, gerando tensões acerca da legitimidade destas ações e de seu próprio estatuto médico. Em geral, portanto, os estudos do fenômeno da medicalização tendem a se concentrar, primordialmente, em uma reflexão crítica sobre uma suposta intervenção e controle sobre o corpo individual, o corpo social e seus modos de ser. Tendo como plataforma de reflexões a ontologia fenomenológica pensada pelo filósofo alemão Martin Heidegger, buscaremos aqui propor um olhar às supostas implicações deste fenômeno para o que chamamos de experiência apropriativa, experiência esta que remonta idéias nodais das filosofias da existência como as noções de liberdade e responsabilidade, bem como elementos estruturantes da ontologia fenomenológica, como *ser-aí*, *presença* e *cuidado*.

Ao empreendermos tal reflexão que ousa poder relacionar o fenômeno da medicalização com o acontecimento apropriativo, lançamos mão fundamentalmente da práxis da psicologia na sua dimensão clínica e das obras heideggereanas *Ser e Tempo*, de 1927, e o ensaio póstumo de Heidegger *Contribuições à Filosofia – Do acontecimento apropriativo – 1936-1946* (apud CASANOVA, 2002), em que se implementa uma articulação decisiva entre os termos linguagem, ser e acontecimento apropriativo.

Desde o começo da filosofia, a linguagem tem sido assumida, hegemonicamente, como um ente intramundano simplesmente dado. A expressão ‘ente intramundano’ designa os entes simplesmente dados dentro do mundo. Ao contrário do ser-no-mundo o ente intramundano é “destituído de mundo”, já que simplesmente está aí no mundo. Essa assunção aponta para a compreensão da linguagem como uma dimensão a princípio já constituída, no interior da qual várias palavras se dão simplesmente em conjunto. No parágrafo 15 de *Ser e Tempo*, Heidegger define o ente que o *ser-no-mundo* vai ao encontro na ocupação de instrumento, de ‘*ser-para*’, devido ao seu caráter de serventia e manualidade. As palavras e as combinações de palavras estão aí presentes como entes simplesmente dados. E acrescenta do parágrafo 33 em relação à linguagem:

Para a consideração filosófica, a própria linguagem é um ente, e, segundo a orientação da ontologia antiga, um ente simplesmente dado. De início, as

palavras e combinações de palavras em que as coisas se exprimem são simplesmente dadas, isto é, podem ser encontradas tal como as coisas. (HEIDEGGER, 2005, p. 216).

Assim, a linguagem enraíza-se na possibilidade mesma de alcançar, através das palavras e combinações de palavras, os entes em questão. De início, os entes aqui em questão não são outros senão os entes que se oferecem à percepção e determinação do *ser-aí* enquanto entes simplesmente dados. A partir da suposição do caráter originário da posição do conhecimento para a explicitação das relações entre os homens e o mundo, toma-se a ligação entre a percepção e o ser, o sujeito e o objeto, como estrutura primária para a concepção da linguagem.

A linguagem tende a ser pensada, então, como um instrumento de ligação entre estas duas instâncias, como uma ponte entre percepções ou representações internas e a realidade exterior. Com isto, ela passa a funcionar, desde o princípio, como uma espécie de aparato de tradução da realidade. (CASANOVA, 2002, p. 319).

Entretanto, essa concepção é debitária de uma desconsideração do caráter ontológico, tanto do *ser-aí* quanto do mundo, e em uma conseqüente circunscrição da essência da linguagem à suposição do caráter originário do modelo dicotômico de uma alma (pensada como a subjetividade) que se deixa afetar pelo mundo (pensado como o conjunto abrangente dos objetos simplesmente dados). Assim, há muito, a noção corrente de linguagem provém de uma colocação do problema em termos da relação entre dois entes tomados como entes simplesmente dados: alma e mundo, percepção e ser, sujeito do conhecimento e objeto conhecido, e reificados na modernidade por Descartes como *res cogitans* e *res extensa*.

A questão é que nem o sujeito está desde o princípio dado no real, nem o mundo retrata o conjunto dos entes simplesmente dados. Ao contrário, o sujeito e a objetividade só nascem a partir de um ocultamento do fenômeno da mútua dinâmica de constituição sujeito e objeto, anunciando a ek-sistencialidade como traço primordial e fundamental do humano. O próprio conceito de ek-sistência traz consigo uma superação do pressuposto moderno de que o *ser-aí* se encontra primeiramente isolado em uma subjetividade autônoma e a priori, que só a partir de então assume relações com a objetividade. Ao hifenizar o termo “existência” como *ser-no-mundo*, o filósofo da floresta negra demarca o fato de o *ser-aí* ser constitutivamente um ser-para-fora: sendo um lançado, o *ser-aí* se encontra imediatamente e inexoravelmente disposto e afinado nesta relação.

Heidegger designa como “afinação” (*Stimmung*), ou “disposição” (*Befindlichkeit*), o modo como o homem, enquanto abertura de sentido, “sintoniza” os entes que lhe vêm ao encontro no mundo, numa espécie de derramamento ontológico sobre o mundo que percebe, que independe de qualquer volitividade, sendo mais originário que esta.

A ‘essência’ do ser-aí reside em sua existência. As características que se podem extrair deste ente não são, portanto, ‘propriedades’ simplesmente dadas de um ente simplesmente dado que possui esta ou aquela ‘configuração’. As características constitutivas do ser-aí são sempre modos possíveis de ser e somente isso. Toda modalidade de ser deste ente é primordialmente ser. Por isto, o termo ‘ser-aí’, reservado para designá-lo, não exprime a sua quiddidade como mesa, casa, árvore, mas sim o ser. (HEIDEGGER, 2005, p. 77-78).

O fato é que, com isso, a suposta versão que representa o mundo circundante, é só suposta. As referências significativas comumente cristalizadas e aparentemente estáveis também traz sempre consigo anuncia, isto sim, um projeto ontológico-hermenêutico ek-sistente de modo que qualquer possibilidade particular de uma tal configuração de sentido de mundo já sempre encerra em si algo silenciado, a saber, a dinâmica aparecimento-ocultação, desvelamento velante. A partir também disto mesmo que se silencia, o mundo encontra a sua essência historial, e no caso da temática aqui em questão, que tipo de cristalizações e referências significativas aparentemente estáveis estamos nos referindo ao falarmos do fenômeno da medicalização? O fato de que o sofrimento psíquico, medianamente crido como fenômeno secundário de uma desestruturação de bases biológicas, (dicotomicamente exclusiva), tem sua primeira, e talvez principal, forma de lida, a intervenção corretiva, normalizante, reestruturante, reestabilizável, psicotrópica, forma esta que já só se dá como possível a partir de um horizonte raramente tematizado que conformata as dicotomias acima apresentadas e historicamente consolidadas.

A partir das inflexões ontológicas propostas, percebemos que todo e qualquer sofrimento psíquico já só se dá, enquanto condição ontológica humana, num conjunto de referências tal que o anuncia de um modo possível, de um modo existencialmente possível e que anuncia uma existencialidade ontologicamente estruturante de mundo.

Neste sentido, tudo o que o *ser-aí* é e pode ser se anuncia, necessariamente, através da abertura de possibilidades que têm lugar a cada vez

em seu mundo. Ao contrário de um crescente processo de medicalização que visa extirpar aquela configuração relacional com o mundo, reconhecidamente restritora de possibilidades, uma explicitação temática mais rigorosa dela pode permitir uma experiência de maior ampliação de liberdade com os sedimentos hermenêuticos dela constituintes e estruturantes.

A partir deste prisma, a linguagem deixa de se mostrar aí como a mera descrição de significações e sentidos já previamente delineados em seu mundo, passando a se movimentar originariamente no interior do âmbito mesmo de criação de significações e sentidos. Isto nos permite o vir à tona um modo diverso de compreensão da linguagem. Trata-se de uma espécie de conquista do “existente” por ele próprio, até então, usualmente disperso em meio ao impessoal experimenta fundamentalmente a linguagem como retratadora de uma exterioridade comum e inequívoca a partir de um manancial de significações simplesmente dadas, não fazendo, senão, usar a linguagem através da mera reprodução dessas significações.

Fiel às suas bases fenomenológicas, Heidegger implementa a sua análise do *Dasein* a partir de seu modo de ser mais comum, o seu cotidiano. Nele, o filósofo identifica a “impessoalidade” como aspecto marcante e usualmente presente. Esta “impessoalidade” é compreendida por ele como tendência a não correspondência do *Dasein* ao seu ser mais originário: *ek-sistente*. Quando se caracteriza o modo de ser deste ente que nós mesmos somos como “existência”, entende-se este termo de um modo diferente do que tradicionalmente estamos acostumados a pensar, ou seja, presença empiricamente comprovada. Ao contrário, Heidegger fala de uma concepção de existência que está associada a um modo de ser que está sempre em jogo no devir histórico-temporal desse ente. Ele não pode ser, assim, ser caracterizado por qualquer sentido *à priori*, atemporal, portanto uma essência no sentido tradicional do termo.

Eis o fundamento da experiência apropriativa. A apropriação de si mesmo (e das relações medianamente e historicamente postas) por parte do homem, enquanto um *ser-aí*, repousa simultaneamente sobre o momento dessa decisão, assim como libera o *ser-aí* para o despontar da linguagem que haure da sustentação da dialeticidade dialógica do desvelamento velante. É na apropriação fundamental da dinâmica dialética do velar que desvela e do desvelar que vela, que abre-se ao homem a sua mais fundamental condição, da impossibilidade de um simplesmente

dado naturalizante e que o anuncia para as dimensões intrínsecas da existencialidade: liberdade, decisão e indeterminação existencial.

Nesse instante, o que se tem não é outra coisa senão uma determinada confrontação do homem com o que ele propriamente é, *ser-no-mundo*. No âmbito da “serenidade” (*gelaseinheit*), ao contrário da esfera representacional de pensar, Heidegger propõe nos colocarmos numa dimensão meditativa sobre o sentido, contendo o primeiro impulso de impelimento prévio e precipitado de sentido, externo e transcendente às coisas. Tal postura, segundo ele chamada de um pensar no seu sentido mais pleno, porque comporta simultaneamente o que se desvela e o que se vela nos fenômenos.

Entendemos que a clínica é uma das situações nas quais mais claramente se dissimulam sentidos em detrimento de uma dimensão meditativa que proporcione a abertura para a surpresa e para o não-pronto. Tanto por parte do cliente, quanto muitas outras vezes por parte do terapeuta, o difícil *lócus* do não saber conquistado, como a ignorância socrática deixa de ter algum valor, ou nem sequer é compreendido como possibilidade real da vida, diante do insistente e sedutor apelo ao qual estamos permanentemente submetidos do cálculo, da previsibilidade e da explicação da realidade.

A serenidade preconiza uma postura que se coloca numa diferente maneira de lidar com o conhecimento, onde este não é empobrecido ou aniquilado, mas também não adquire um estatuto *veritático* de verdade. Apenas, este saber, deixa de ser algo que é tomado como essência dos entes para ser compreendido como uma possibilidade de sentido, que se por um lado corresponde a um determinado recorte de visada da realidade, por outro, não a esgota e nem deve ser privilegiada sobre os demais. Instaura-se, assim, uma dimensão de liberdade nesta relação, que nos permite circunscrever seus limites e possibilidades, e uma eventual colaboração entre elas.

Acreditamos que este fato também explicita uma significativa “vocação” transdisciplinar da fenomenologia, que como compreensão possibilitadora de circunscrição de âmbitos de validade dos fenômenos, encontra-se em plena adjacência com os modernos impulsos de flexibilização e ampliação dos horizontes de compreensão da experiência humana.

Na experiência apropriativa dá-se o acontecimento de uma apropriação de si por parte do homem enquanto *ser-aí*. A dimensão do Cuidado (*sorge*) ontológico anuncia ao homem um permanente modo de lida com o mundo e si próprio de uma determinada forma, afinação, alinhamento, disposição, humor...e não outro. O “cuidar” protege relações de significância historicamente vividas como estáveis. O “cuidar”, ontologicamente falando, portanto, também “descuida” de uma condição originária e fundamental de não dado.

A medicalização, enquanto possibilidade de sentido historicamente constituída de retificação existencial, não raramente, retira ao homem, relegando a um plano de obscurecimento, o horizonte de sentidos existencial que torna possível tal sofrimento psíquico. Anestesia a existencialidade única, singular de qualquer relação possível com o mundo, e dentre ela, aquelas que com as quais ele perde a condição de maior liberdade, configurando a doença nas perspectivas trazidas por Heidegger e Boss em Seminários de Zolikon como restrição de liberdade.

Podemos, por fim, compreender a diferença entre a concepção corrente da linguagem e a concepção heideggeriana. Essa tematização aproximou-nos de uma compreensão mais efetiva da relação presente na passagem inicialmente citada entre “linguagem” e “acontecimento apropriativo”. O acontecimento apropriativo é co-originário à linguagem do *ser-aí*, porque a apropriação de si mesmo por parte do homem enquanto *ser-aí* o projeta ek-sistencialmente para a já descrita tensão entre dizer e escuta. Aberto para a linguagem como o solo de enraizamento do silêncio do que se recusa, o homem assume a si mesmo como *ser-aí*.

Pensamos tal possibilidade de abertura temática mais rigorosa fundamental para a experiência clínica contemporânea. A recorrência usual e simplificadora dos ansiolíticos e antidepressivos desperdiçam ao homem a possibilidade a sua anunciação existencial, daquela existencialidade única daquele sofrimento psíquico. Daquilo que, em princípio, em tese, em sendo mundo, é o que lhe é mais próprio e singular.

A linguagem do acontecimento apropriativo descreve, assim, em última análise, o despontar de uma dupla apropriação: a apropriação de si mesmo por parte do homem enquanto *ser-aí* e a conseqüente apropriação do *ser-aí* pelo ser na historicidade de seus envios, neste caso, discursos historicamente consolidados que tratam do sofrimento psíquico como algo passível a ser extraído e aniquilado pela

força do medicamento. A linguagem do acontecimento apropriativo implica, com isto, a história do ser, exatamente como requisita o destino aberto para os desdobramentos dessa história, dessa sua história que o sofrimento psíquico anuncia (não onticamente descritiva de forma jornalística como um conjunto de fatos, mas como vivida de um determinado modo possível e não de outros) e que pode, assim, resgatar uma (por menor que seja) maior relação de liberdade com tais sentidos quase que isomorficamente estruturados e cristalizados nesta existência, e propiciadores de tamanhos sofrimentos merecedores de busca de auxílio clínico.

## REFERÊNCIAS

CASANOVA, M.A. **Revista Natureza Humana**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002.

HEIDEGGER, M. **Seminários de Zollikon**. São Paulo: EDUC; Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

\_\_\_\_\_. **Ser e tempo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. v. 1.

\_\_\_\_\_. **Serenidade**. Lisboa: Instituto Piaget, 2000.